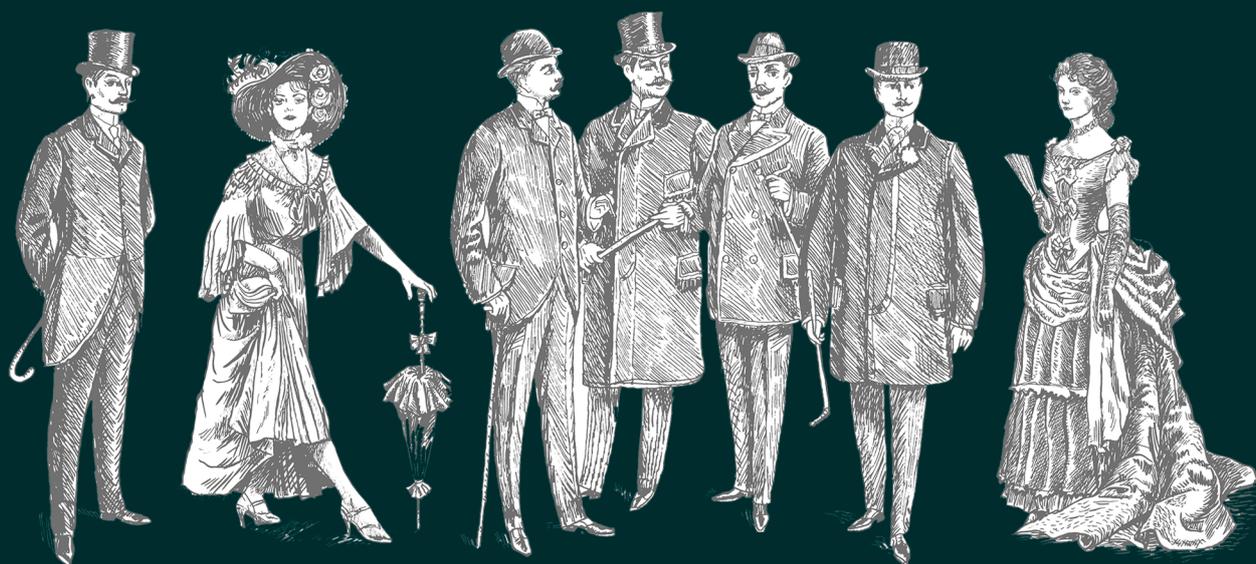


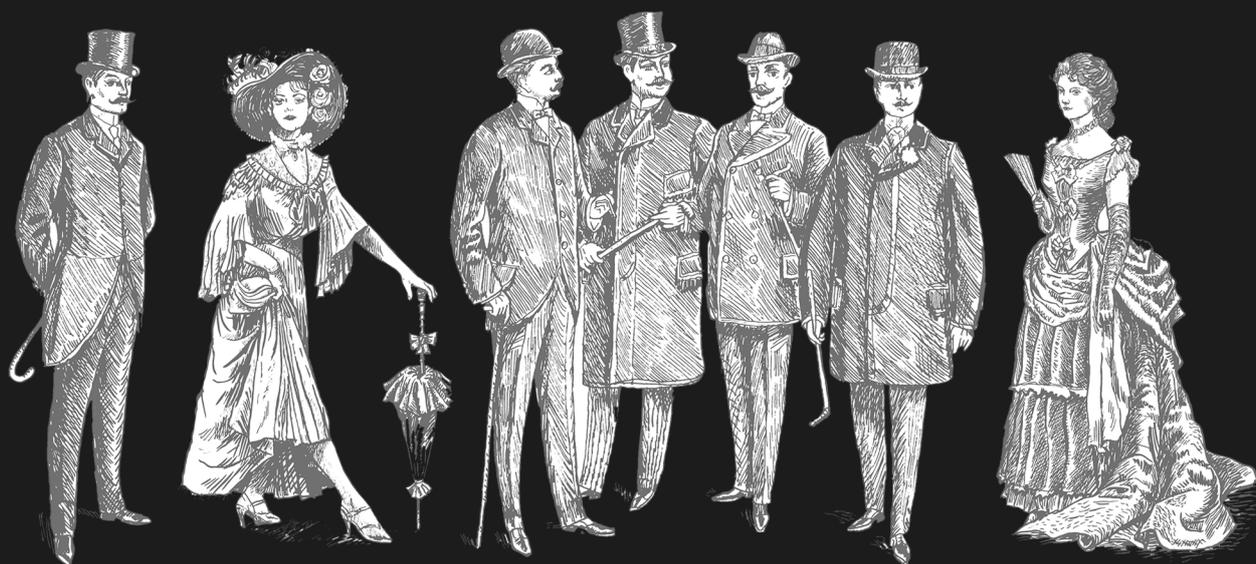
Sentidos e Sujeitos: Elementos que dão Consistência à História

Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)



Sentidos e Sujeitos: Elementos que dão Consistência à História

Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Sentidos e sujeitos:
elementos que dão consistência à
história**

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Karine de Lima Wisniewski
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

S478 Sentidos e sujeitos [recurso eletrônico] : elementos que dão consistência à história / Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do Espírito Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-323-1
DOI 10.22533/at.ed.231201808

1. Aprendizagem. 2. Conhecimento. 3. Prática de ensino
I.Pereira, Denise. II. Espírito Santo, Janaína de Paula do.
CDD 370.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O modo com que nos relacionamos com o conhecimento impacta diretamente o processo de ensino aprendizagem e também no modo como encaramos o processo de construção do conhecimento como todo. Há, da mesma maneira uma diferença no tratamento que damos à tensão existente entre a informação produzida pela ciência e aquela a que temos acesso cotidianamente, que reside exatamente na conexão que estamos dispostos a reconhecer entre o conhecimento, a informação e a experiência cotidiana dos indivíduos. De maneira geral, essa relação é vista atualmente, como um elemento de embates e resistências, em uma dinâmica própria, que não é sempre harmônica. Essa espécie de tensão é particularmente visível no momento em que vivemos: há uma espécie conservadorismo que está em crescimento no Brasil atualmente se alimenta dela, e que se coloca, muitas vezes como resistente a ciência de referência e aos consensos científicos reconhecidos. Há uma factualização das informações que passam a fazer sentido para o indivíduo validadas especialmente pela sua própria experiência com o real. Assim, os “espaços de domínio público” do conhecimento vem ganhando cada vez mais dimensão no processo da formação de opiniões, posicionamentos e referenciais das pessoas.

Esse movimento não é um fenômeno apenas nacional, mas se verifica em diferentes partes do globo, o que demonstram a necessidade de um aprofundamento no entendimento do funcionamento destes espaços de difusão da informação e na maneira como os sujeitos e os sentidos do real são constituídos. O pensamento é construído no espaço de relação entre as pessoas, no reconhecimento e na interação dos indivíduos. Da mesma forma em que os saberes e a ciência se expressam por meio de linguagens, mas não se reduzem a elas. É na relação, no reconhecimento e na exploração da construção de sentido dos grupos humanos e reconhecimento dos sujeitos como elementos formadores desse sentido (que portanto, se está contido na maneira em que cada indivíduo constrói sua experiência do real) que a história adquire profundidade, riqueza e forma. É dessa experiência que o conhecimento histórico, se estabelece, se compõe e constrói significados.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Janaína de Paula do E. Santo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONTRIBUIÇÃO DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA PARA A QUALIFICAÇÃO DO PROFISSIONAL DOCENTE	
Maria Lidiane Santos Silva Nilda Aparecida Pascoal Rezende	
DOI 10.22533/at.ed.2312018081	
CAPÍTULO 2	17
A QUESTÃO RACIAL À LUZ DA POLÍTICA DE SAÚDE MENTAL BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DOS REBATIMENTOS APÓS GOLPE DE ESTADO DE 2016	
Cristiane Medeiros dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.2312018082	
CAPÍTULO 3	33
A RELEVÂNCIA DA ACESSIBILIDADE NO MERCADO DE TRABALHO: ESTUDO DE CASO NA HIALA METALÚRGICA	
Isana Ferreira Fernandes dos Santos Delvania dos Santos Freitas Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2312018083	
CAPÍTULO 4	47
A SOCIEDADE RECREAÇÃO FAMILIAR JAGUARENSE EM JAGUARÃO RS (1852 – 1881)	
Alan Dutra de Melo Ronaldo Bernardino Colvero	
DOI 10.22533/at.ed.2312018084	
CAPÍTULO 5	62
EXPERIÊNCIAS E LUTAS DOS PROFESSORES DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE PERNAMBUCO NO PERÍODO DA TRANSIÇÃO DEMOCRÁTICA (1979-1985)	
Max Rodolfo Roque da Silva André Gustavo Ferreira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2312018085	
CAPÍTULO 6	74
FONTES ORAIS E SISTEMAS DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA NA PESQUISA COM BENZEDEIRAS E CURANDEIRAS EM CHAPECÓ/SC	
Alex Junior Rapczynski	
DOI 10.22533/at.ed.2312018086	
CAPÍTULO 7	80
HISTÓRIA DO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO E FORMAÇÕES DISCURSIVAS NO BRASIL IMPERIAL: PRINCÍPIOS, SABERES E SUJEITOS	
Diego Dias Salgado	
DOI 10.22533/at.ed.2312018087	
CAPÍTULO 8	92
O DECRETO Nº 500/1955 NO CONTEXTO DA LEGISLAÇÃO FUNDIÁRIA: CONFLITOS AGRÁRIOS E GESTÃO DAS TERRAS DEVOLUTAS EM GOIÁS (1955-1958)	
Matheus de Araujo Martins Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.2312018088	

CAPÍTULO 9	103
O PROBLEMA DA MEDIÇÃO NA MECÂNICA QUÂNTICA: ANÁLISE LÓGICA DE ALGUMAS TENTATIVAS DE SOLUÇÃO	
Moisés Romanazzi Tôrres	
DOI 10.22533/at.ed.2312018089	
CAPÍTULO 10	119
O RURAL, O URBANO, E A QUESTÃO DOS BRASIGUAIOS NA FRONTEIRA PARAGUAI-BRASIL, A PARTIR DE APROPRIAÇÕES MUDIÁTICAS	
Roberta Brandalise	
DOI 10.22533/at.ed.23120180810	
CAPÍTULO 11	130
O SUJEITO DO DISCURSO IMOBILIARIO NA REGIÃO NORTE DE MATO GROSSO: ONTEM E HOJE	
Luciane Lucyk	
DOI 10.22533/at.ed.23120180811	
CAPÍTULO 12	142
OS ESTUDOS DAS RELAÇÕES RACIAIS NO BRASIL E OS DILEMAS PARA O CUMPRIMENTO DA APLICAÇÃO DA LEI 10639/2003	
Pedro Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.23120180812	
CAPÍTULO 13	157
<i>SOMOS MULHERES, SOMOS POVO, SOMOS HISTÓRIA, SOMOS RESISTÊNCIA!</i> : REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO POLÍTICA E PROCESSOS EDUCATIVOS DAS MULHERES SEM TERRA NO MST	
Flávia Pereira Machado	
DOI 10.22533/at.ed.23120180813	
CAPÍTULO 14	171
TEMPESTADE OU TEMPO FIRME: ANÁLISE HISTÓRICA E POLÍTICA SOBRE A PRESENÇA DE DEMOCRACIA NO BRASIL	
Fernanda Viana Falkoski	
DOI 10.22533/at.ed.23120180814	
CAPÍTULO 15	183
VAI NA BRASILEIRARAGEM: MEMÓRIA COLETIVA E IDENTIDADE NACIONAL EM UM ANÚNCIO DA NIKE DA COPA DO MUNDO DE 2018	
Kelly Cristina Torres de Barros Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.23120180815	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	196
ÍNDICE REMISSIVO	197

O RURAL, O URBANO, E A QUESTÃO DOS BRASIGUAIOS NA FRONTEIRA PARAGUAI-BRASIL, A PARTIR DE APROPRIAÇÕES MIDIÁTICAS

Data de aceite: 01/07/2020

Data de submissão: 07/07/2020

Roberta Brandalise

Faculdade Cásper Líbero

São Paulo, SP

<http://orcid.org/0000-0001-7115-8372>

RESUMO: Estudamos como a ruralidade medeia o modo como paraguaios e brasileiros se apropriam do discurso televisivo na fronteira Foz do Iguaçu-Ciudad del Este (Brasil-Paraguai). O estudo de caso se deu junto a uma amostra de dezoito fronteirços sob a perspectiva dos Estudos Culturais Britânicos e Latino-Americanos e a partir do conceito de contínuo rural-urbano. Para os brasileiros, a mediação cultural relativa à ruralidade participa do jogo identitário articulando identidades rural-urbanas e tradicional-modernas. Para os paraguaios, tem a ver com a manutenção das tradições guaranis de cultivo da terra. E, quando o que está em jogo é a questão da posse de terras em solo paraguaio, ocorre o reforço das identidades nacionais entre os fronteirços, a disputa de sentidos no campo simbólico e o distanciamento na sociabilidade inter-fronteiriça.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação, Ruralidade, Fronteiras, Paraguai, Brasil.

THE RURAL, THE URBAN AND THE ISSUE OF BRASIGUAIOS ON THE PARAGUAY-BRAZIL BORDER, BASED ON MEDIA APPROPRIATIONS

ABSTRACT: We studied how rurality mediates the way in which Paraguayans and Brazilians appropriate television discourse on the Foz do Iguaçu-Ciudad del Este border (Brazil-Paraguay). The case study took place with a sample of eighteen frontiers under the perspective of British and Latin American Cultural Studies and from the concept of rural-urban continuum. For Brazilians, cultural mediation related to rurality participates in the identity game by articulating rural-urban and traditional-modern identities. For Paraguayans, it has to do with maintaining the Guarani traditions of cultivating the land. And, when what is at stake is the issue of land ownership on Paraguayan soil, there is a strengthening of national identities among the frontiers, the dispute of meanings in the symbolic field and the distance in the inter-border sociability.

KEYWORDS: Communication, Rurality, Borders, Paraguay, Brazil.

1 | O CONTÍNUO RURAL-URBANO COMO MEDIAÇÃO CULTURAL NOS PROCESSOS DE RECEPÇÃO DA TELEVISÃO BRASILEIRA NA FRONTEIRA PARAGUAI-BRASIL

Na região de divisa entre o Paraguai e o Brasil, nas fronteiriças *Ciudad del Este* e Foz do Iguaçu, a televisão brasileira é consumida por paraguaios e brasileiros há cerca de quatro décadas¹. Por isso, procuramos conhecer como as representações construídas na televisão brasileira participam da construção das representações que os fronteiriços fazem uns sobre os outros. Observando, especialmente, como elas participam da articulação das identidades culturais e das relações sociais que se desenvolvem entre paraguaios e brasileiros no cotidiano fronteiriço. Para tanto, identificamos como a realidade deles é representada na televisão, atentando para quais são as representações que eles consideram mais relevantes em seu cotidiano, e estudamos as apropriações e usos que paraguaios e brasileiros fazem das narrativas brasileiras que consomem.

Nesse percurso, destacou-se a relação dos entrevistados com o campo e a questão de disputas de terras entre paraguaios e brasileiros em solo paraguaio, evidenciando o contínuo rural-urbano como mediação cultural no processo de recepção da televisão brasileira. Constituímos a nossa estratégia teórico-metodológica a partir da orientação da Antropologia Cultural (Geertz, 2001) – realizando a descrição densa da realidade e a interpretação a partir do contexto: identificando as estruturas de significado em curso, sua base social e importância –, e dos Estudos Culturais Britânicos e Latino-Americanos (Hall, 1999; Martín-Barbero, 2001) – assumindo as identidades culturais como plurais e móveis e atentando para a realidade multimediada.

O *contínuo rural-urbano* constitui-se como categoria produtora de significados relevante nos processos de recepção da televisão brasileira na fronteira Paraguai-Brasil. Por isso, nos apropriamos de Robert Redfield (1949), Antônio Cândido (1998) e Raymond Williams (1989) para contextualizar como os aspectos relativos à ruralidade e à urbanidade que participam do modo de vida de nossa amostra foram úteis para estudarmos a diversidade de apropriações e usos que os entrevistados fizeram das representações televisivas que elegeram como relevantes em seu cotidiano.

Nos estudos sobre o rural e o urbano, destacamos o trabalho realizado por Redfield (1949) na península de Yucatán, no México. Ele estudou quatro comunidades justapostas espacialmente: uma “cidade” (Merida), uma “vila” (Dzitas), uma “povoação” (Cham Kom) e uma “aldeia tribal” (Tusik). De acordo com o que depreendemos, ele constatou que da cidade (Merida) à aldeia (Tusik) era possível perceber diferentes graus de diversificação cultural, mobilidade social, individualização, secularização e acesso aos meios de transporte e de comunicação participando do cotidiano das pessoas que viviam em cada uma dessas formações sociais. De modo que, a partir de seu estudo, ele entendeu que a cidade e o

1 Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

folk – ou o que é pertinente ao modo de vida urbano e o que é pertinente ao modo de vida rural – não poderiam ser entendidos como categorias absolutamente separadas porque elas existem apenas como tipos ideais. Sendo assim, ele aponta que é possível observar as transformações nos costumes e no modo de vida de uma formação social à outra, atentando para o fato de que o que comumente é considerado característico do modo de vida rural e o que comumente é entendido como próprio do modo de vida urbano pode ser observado em curso numa mesma formação social, o que dificulta a classificação de uma ou de outra como rural ou urbana.

Com seus relevantes esforços, Redfield (1949) começou a delinear o conceito de *contínuo rural-urbano* – embora seja preciso nos apropriarmos criticamente de sua obra porque no contexto histórico em que ele realizou seu trabalho, o campo científico que ele integrou, mesmo sendo anterior às teorias funcionalistas e crítico de Durkheim, se refere a essas transformações nos costumes e no modo de vida das diferentes formações sociais em termos de “organização”, “desorganização” e “reorganização” da cultura, o que consequentemente leva a uma abordagem das comunidades ainda como sistemas isolados e nesse aspecto não é congruente com nossa abordagem. Apesar disso, é necessário apontarmos ainda que na orientação teórico-metodológica da Escola de Chicago, fundada principalmente nos trabalhos de William Thomas e Florian Znaniecki (*The Polish Peasant* e sua *Nota Metodológica*, 1918-1920) e Robert Park (*The City*, 1915), e em boa medida representada no trabalho de Redfield, encontramos algumas preocupações semelhantes às dos Estudos Culturais Britânicos (Williams, 1989) e às da Antropologia e Sociologia (Antônio Cândido, 1998), especialmente relevantes para o campo da Comunicação e para este estudo.

Consideramos que é no Brasil, a partir da apropriação dos estudos da Escola de Chicago (inclusive os de Redfield que destacamos), entre outros, que vamos encontrar a concretização de pesquisas que abordam o rural e o urbano com base num conceito já mais elaborado de *contínuo rural-urbano*. Nesse sentido, destacamos o trabalho de Antônio Cândido (1998) em Bofete, uma cidade do interior do estado de São Paulo. Cândido (1998) trabalha com diferentes gerações nessa mesma formação social e, assim, ele incorpora a historicidade ao seu trabalho, recuperando a memória da comunidade. Ao fazer isso, ele identifica tanto as transformações nos costumes e no modo de vida que se configuraram em Bofete (de uma geração a outra), quanto a preservação de características que comumente são atribuídas ao modo de vida rural (e que ainda são cultivadas em boa medida pelas novas gerações que vivem na cidade).

Com isso, apontamos que Cândido (1998) estuda o *contínuo rural-urbano* na linha do tempo em uma mesma formação social, enquanto Redfield (1949) estuda o *contínuo rural-urbano* que se configura entre diferentes formações sociais que estão justapostas no espaço. Ambas as perspectivas foram relevantes nessa pesquisa porque os conceitos espacial e temporal de *contínuo rural-urbano* se fizeram úteis ao identificarmos como

aspectos comumente associados à ruralidade e à urbanidade participam do cotidiano de nossa amostra e configuraram-se em categorias produtoras de significados nas apropriações e usos que os entrevistados fazem das narrativas televisivas brasileiras que consomem.

Nesse sentido, também foi relevante o trabalho de Raymond Williams (1989), que estudou as representações do campo e da cidade na literatura. Ele constatou que, enquanto na literatura inglesa o campo e a cidade dificilmente são retratados de modo separado, na literatura de outros países, com frequência, essas categorias são apresentadas dissociadas e ainda como a antítese uma da outra. Ele identifica ainda que, em qualquer caso, as representações literárias do campo e da cidade estão vinculadas a ideologias. Assim como, tal qual compreendemos, preponderantemente ocorre com as representações construídas nos meios de comunicação de massa acerca das diferentes etnias, nações, regiões, (etc.).

Williams (1989) atenta para o fato de que nessas representações literárias em que o rural e o urbano são retratados como categorias opostas, o rural, por exemplo, geralmente aparece como um espaço ausente de conflitos e ainda associado à paz, ao descanso e à fartura, em oposição ao que caracteriza o modo de vida urbano. Diante dessa constatação, entre outras, Williams (1989) se posiciona criticamente em relação a esse tipo de representação. Além disso, ele estuda a forma como os autores representam o trabalhador do campo e da cidade, trazendo à tona os possíveis contrastes entre a representação literária e a representação que os próprios trabalhadores camponeses e citadinos construiriam sobre si mesmos. Assim, tal como Redfield (1949) e Cândido (1998), Williams (1989) colabora para que observemos o rural e o urbano não no âmbito dos tipos ideais e sim no das inter-relações dinâmicas que participam da complexidade social e da heterogeneidade cultural fronteiriça.

21 O JOGO IDENTITÁRIO A PARTIR DAS REPRESENTAÇÕES RELATIVAS AO CONTÍNUO RURAL-URBANO NA FRONTEIRA PARAGUAI-BRASIL

Realizamos uma pesquisa qualitativa (Lopes, 2002), nos moldes de um estudo de caso (Yin, 2010), fazendo uso de entrevistas semi-estruturadas (Thiollent, 1980), entrevistas abertas mediadas (modelo elaborado a partir da proposta de Collier, 1973) e observação participante (Haguete, 1992).

Nossos dados foram construídos com a colaboração de uma amostra formada por dezoito fronteiriços que consomem a televisão brasileira. Nove brasileiros residentes em Foz do Iguaçu (cinco mulheres e quatro homens, com as idades variando entre 19 e 72 anos) e nove paraguaios residentes em *Ciudad del Este* (quatro mulheres e cinco homens, com idades variando de 21 a 79 anos).

A fim de identificar as diversas matrizes de significados que participam dos processos identitários na fronteira, perguntamos aos integrantes da nossa amostra se eles têm alguma ligação com o meio rural no cotidiano ou se tiveram ao longo de suas trajetórias. Atentamos para como os entrevistados caracterizaram o que isso significa para eles. Em seguida, perguntamos como é a representação da ruralidade na televisão.

Nossos entrevistados paraguaios e brasileiros já viveram no campo ou são filhos e netos de camponeses. Portanto, o contínuo rural-urbano (Redfield, 1949; Cândido, 1998), no caso de nossa amostra, ocorre principalmente na linha do tempo, na história de vida de alguns e na história familiar de todos. As evidentes relações com o campo fazem parte da esfera cotidiana ou da memória de nossos entrevistados, bem como da história do Paraguai e do Brasil. No caso do Paraguai, conforme Laino (1979), o país tem um poderoso movimento camponês. Já no século XVI, os guaranis praticavam o cultivo da mandioca, da abóbora, da batata e do milho. Os guaranis colaboraram com os espanhóis na conquista do Chaco, onde habitavam os *guaycurus* e os *payaguás*, – estes últimos eram caçadores e pescadores nômades que comumente assaltavam as plantações guaranis. Em campo, tivemos a oportunidade de observar um de nossos entrevistados brasileiros se referindo ao Paraguai como “o país da mandioca” (Davi, 38).

De acordo com Laino (1979), os espanhóis estabeleceram-se em 1537 num povoado que hoje é a capital do Paraguai, Assunção, mas que durante um século foi a capital da Província do Rio da Prata. Porém, as atenções dos espanhóis logo voltaram-se para a atual Argentina e o atual Uruguai, onde o modo de produção latifundiária predominou. Enquanto isso, os jesuítas organizaram um sistema de missões no Paraguai, no qual os indígenas seguiam cultivando a terra comunitariamente, esse modo de produção foi denominado *comunera*. A iniciativa acabou não agradando os oligarcas locais e resultou na expulsão dos jesuítas, em 1767.

Ainda de acordo com o autor, em meados de 1811, depois da liberação do comércio de erva-mate e tabaco, pequenos e médios proprietários rebelaram-se, combateram a oligarquia de Assunção e o Paraguai começou a se desenvolver com o investimento público, isolado das influências britânicas que foram determinantes na configuração da Argentina e do Uruguai. A consequência disso foi a transformação do país numa economia muito forte, em função do controle estatal sobre a produção de erva-mate, a extração de madeira e a construção das primeiras ferrovias, telégrafos e fundições da América do Sul.

Em 1865 formou-se, com o financiamento do banco inglês Baring Brothers, a Tríplice Aliança (Brasil, Uruguai e Argentina). Alegando a necessidade de proteger suas fronteiras dos avanços paraguaios, a Tríplice Aliança desencadeou uma guerra genocida no país. A Guerra do Paraguai ou a Guerra da Tríplice Aliança foi o maior conflito da América do Sul, nela morreram 75,75% dos paraguaios, sendo 99,5% dos homens adultos do Paraguai. Parte do território paraguaio foi anexado pela Argentina, muitas outras terras foram vendidas para estrangeiros e as aldeias foram destruídas. A indústria do país entrou

em decadência e o mercado paraguaio foi aberto para os produtos ingleses; além disso, o país contraiu o seu primeiro empréstimo no exterior, um milhão de libras da Inglaterra.

O passado de bem-sucedida autogestão do povo paraguaio, fundada no cultivo coletivo da terra – que parece alimentar a identidade nacional e responder pela preservação da identidade étnica –, é motivo de orgulho de nossos entrevistados paraguaios. Porém, eles apontam que a realidade rural do país mudou muito com a presença estrangeira. O universo rural paraguaio foi transformado em um “espaço de luta” (Lúcia, 45), por causa dessa presença. E muitos desses estrangeiros são brasileiros – um dos entrevistados nos conta que por isso muitos paraguaios que ainda vivem no campo se referem aos brasileiros como “imperialistas brasileiros” (Gonzalo, 38).

Durante o período da ditadura no Paraguai, principalmente na década de 70, o governo paraguaio viabilizou o avanço de brasileiros em território paraguaio, permitindo a aquisição, por eles, de latifúndios para fins de exploração agropecuária. Isso é motivo de crítica dos paraguaios em relação ao seu próprio governo, mas também causa ressentimento em relação aos “irmãos latinos” (Juán Carlos, 79). Os paraguaios consideram que o seu povo “nunca mais teve sossego” (Lúcia, 45) e ainda hoje tem que lutar pelo direito à terra. A história mostra que o uso do modo de produção latifundiária levou à desigualdade social para vários povos, como por exemplo no próprio caso do Brasil. Para os paraguaios não é diferente, com o agravante de que, conforme a cultura guarani, ainda bastante forte na formação da identidade do povo paraguaio, o cultivo da terra parece mais próximo do sentido de atividade coletiva para o benefício de todos, o que acentua a resistência em relação à exploração privada da terra para o benefício de poucos, ou ao modo de produção latifundiária. Isso fica evidente quando uma das entrevistadas paraguaias diz “a terra sempre foi para todos, pro bem de todos, desde as aldeias, daí as cooperativas, mesmo os pequenos colaboram uns com os outros, agora isso aí já é outra coisa, não estão fazendo isso para matar a fome e o povo ter do que viver” (Lúcia, 45).

De acordo com o Instituto del Tercer Mundo (1999), que é sediado no Uruguai e coordena uma rede internacional de pesquisadores, editores e entidades civis, durante a ditadura do general Alfredo Stroessner, que durou de 1954 a 1989, ocorreram inúmeros assassinatos de camponeses no Paraguai. Nessa época, os paraguaios reagiram criando a Assembléia Permanente dos Camponeses Sem Terra (APTC) e a Coordenação das Mulheres Camponesas. Depois das eleições de 1989, com o fim da ditadura – o que viabilizou a entrada do capital estrangeiro no Paraguai –, as transnacionais começaram a investir nas monoculturas de soja e algodão no país. Atualmente, 2% das propriedades rurais do país ocupam 85% das terras paraguaias, com a maior parte das empresas e colonos estrangeiros se concentrando na faixa territorial de fronteira com o Brasil, onde fala-se o português e a moeda brasileira é de curso corrente. Cerca de 400 mil brasileiros estão assentados nos departamentos fronteiriços. Além disso, os projetos de desenvolvimento rural apoiados pelo Banco Mundial (em Caazapa e Caaguazú) geram

polêmica por preverem a transformação de terras indígenas do leste paraguaio em áreas de pecuária.

As questões rurais enfrentadas pelos paraguaios medeiam as decisões que eles tomam no plano político. Os conflitos rurais geram desconfiança da população em relação à classe dirigente do país, e seus acordos com o capital estrangeiro são vistos como uma “traição” (José, 56; Lurdes, 52; Gonzalo, 38) à identidade nacional fundada nas raízes guaranis baseadas no cultivo da terra. Os entrevistados paraguaios nos levaram a entender, também, que o fato de a Igreja Católica ter se pronunciado de modo veemente contra os abusos cometidos em relação aos agricultores colaborou para que ela fosse vista como uma instituição que procura preservar a identidade nacional, constatada também na sua antiga relação com os povos indígenas locais, os primeiros agricultores que o solo paraguaio conheceu. Sem dúvida, é uma instituição que ainda exerce grande influência nos processos culturais e sociais do Paraguai.

No caso dos brasileiros que vivem no oeste do Paraná, o campo não está necessariamente ligado a conflitos em torno da posse da terra. Para quatro de nossos entrevistados que já viveram lá, a vida rural está relacionada à memória de um passado “sofrido” (Davi, 38; Carmem, 47; João Paulo, 51; e Estela, 72), por causa da natureza do trabalho braçal. Os entrevistados contam que quando começou a ocorrer a mecanização do trabalho no campo, as dificuldades continuaram porque era preciso ter muito capital para comprar ou alugar as máquinas e manter-se competitivo no mercado de grãos. A passagem pelo processo de mecanização gerou dívidas – principalmente com financiamentos bancários – e levou muitos produtores rurais a perderem suas terras; e os que sobreviveram à transição passaram por muitas dificuldades econômicas.

Mas a memória da vida no campo, para os entrevistados brasileiros, também está associada à ideia de “família reunida” (Davi, 38; Carmem, 47; João Paulo, 51; e Estela, 72). O trabalho, as refeições e as atividades de lazer, tais como a pesca (João Paulo, 51), eram coletivas; assim como “fazer chimia” (Estela, 72) – trata-se de uma geléia, o termo é um derivado coloquial da palavra alemã *schmier* –, realizar as “cantorias” (Davi, 38) e o “serão para prosear” (Davi, 38) – quando se ficava “acordado até mais tarde para conversar com os vizinhos” (Davi, 38). Essas atividades ocorriam com a participação da “família toda” (Davi, 38; Carmem, 47; João Paulo, 51; e Estela, 72) e isso não se perdeu, mas foi muito limitada com a mudança para a cidade – as moradias, o trabalho e a renda foram separadas e seus horários já não coincidem mais.

Os entrevistados brasileiros contam que na televisão aberta as representações da vida no campo aparecem no Globo Rural, mas o que mais tem espaço nos programas jornalísticos são os conflitos e crimes relacionados à posse da terra e, de modo mais ocasional, aparecem notícias a respeito de preços agrícolas e supersafras. No entanto, o modo como isso tudo afeta o cotidiano de quem vive do cultivo da terra é pouco explorado. Os brasileiros apontam também que, principalmente em novelas de época, mostra-se um

retrato da vida no campo, porém muitas vezes de forma caricatural.

Os entrevistados paraguaios relatam que as televisões dos dois países retratam os conflitos de posse da terra entre brasileiros e paraguaios. Ressaltam que há muitos brasileiros donos de grandes áreas de terra no Paraguai, enquanto muitos paraguaios têm que se juntar “aos movimentos de sem-terra” (Juán Carlos, 79; José, 56). Sublinham que a televisão brasileira mostra esses conflitos – isso quando o assunto tem espaço na programação – apenas sob o ponto de vista brasileiro, o que trata-se de uma “injustiça” (José, 56; Lurdes, 52; Gonzalo, 38; Juán Carlos, 79; Lúcia, 45).

Os entrevistados paraguaios ressentem-se da representação da televisão brasileira acerca desse problema em torno da posse de terras e questionam o fato de os camponeses paraguaios serem denominados “invasores” (José, 56; Lurdes, 52), uma vez que as terras que constituem as propriedades de brasileiros são, de fato, terras paraguaias. Para alguns paraguaios, quem “invadiu” (Lúcia, 45; Gonzalo, 38) o território deles e começou a dominar as áreas rurais foram os brasileiros. Os entrevistados ainda comentam que o avanço de brasileiros sobre o território paraguaio ocorreu com a colaboração “entreguista” (Juán Carlos, 79; José, 56) do governo ditatorial de Alfredo Stroessner.

Conforme as colaborações de nossa amostra, procuramos as representações televisivas que envolvem o meio rural. Enquanto estivemos em campo, destacaram-se duas reportagens da Rede Globo, uma do canal aberto, a Globo, intitulada “Brasileiros que possuem terras no Paraguai se armam contra sem-terra” (Bom Dia Brasil, 1’33”) e outra do canal fechado da mesma emissora, Globonews, nomeada como “Propriedades brasileiras são ameaçadas de invasão no Paraguai” (Em Cima da Hora, 1’16”), ambas do dia 29/5/2008, encontradas no então site *Globo.com*.

A chamada da matéria do jornal Em Cima da Hora dizia que “O clima é tenso para os donos de terras na região. Fazendeiros estão se armando para proteger as propriedades dos sem-terra paraguaios. A ordem é abrir fogo contra possíveis invasores”; e a do jornal Bom Dia Brasil afirmava que “Os brasileiros que possuem propriedades rurais no país vizinho tentam se proteger contra os camponeses. Mais de 20 fazendas foram invadidas nas últimas duas semanas”.

De acordo com a formação discursiva da narrativa existe uma “ameaça” que tem deixado o “clima tenso” entre brasileiros e paraguaios. O que está “sob ameaça” é a propriedade privada, o que pode acontecer é a “invasão” delas ou elas podem ser “invadidas”. De acordo com a construção da narrativa, nesse cenário quem está sob “tensão” ou “ameaça” são brasileiros proprietários de terra em solo paraguaio e os responsáveis por essa “ameaça” são os “sem-terra paraguaios” ou os “camponeses” ou os “invasores”. Ainda conforme a construção da narrativa, diante desse cenário os brasileiros “tentam se proteger”, ou estão “se armando para proteger” ou “se armam contra”.

A narrativa não problematiza o fato de as terras paraguaias terem ido parar nas mãos de brasileiros, nem releva o contexto em que isso aconteceu. Não explorar esse contexto

significa não apresentar ou considerar o ponto de vista do outro, do paraguaio em relação a tal cenário e, conforme as entrevistas que realizamos e mantendo-se a fidelidade histórica, é o de um povo que se sente expropriado de suas próprias terras. Também notamos que na narrativa a atitude dos brasileiros de se armarem é justificada como uma forma de proteção. Porém, o texto nos informa que as propriedades é que estavam em risco e não as vidas de brasileiros. Diante disso, entendemos que os brasileiros se armaram para protegê-las e não a si mesmos. Só que ao fazerem isso, as vidas dos paraguaios que estavam questionando a posse delas é que, por fim, correram perigo.

Compreendemos que as representações construídas a partir das relações dos entrevistados com a ruralidade na fronteira participam do jogo identitário da forma apresentada a seguir. Os brasileiros utilizaram a memória da vivência no campo para distinguir o modo de vida rural do da urbana, sem no entanto considerar um deles superior ao outro. Apenas estabeleceram relações de identidade e diferença, por exemplo quando especificaram que na vida do campo era mais fácil reunir a família, sem todavia esquecer que ela também era mais sofrida, se comparada com a que ocorre na cidade. Os brasileiros ainda se identificam com a vida no campo e tentam preservar, em algum nível, aspectos daquela vivência. Portanto, compreendemos que há simultaneamente a identificação com o rural e com o urbano, estando a identidade observada segundo essa dimensão localizada no contínuo rural-urbano. Os brasileiros também nos remetem ao jogo identitário que experimentaram quando ainda moravam no campo, o mesmo a que se referem muitos camponeses que lá ainda vivem. Houve uma época em que eles tiveram que se situar entre a tradição e a modernidade, em função das mudanças no modo de cultivo da terra, decorrente da mecanização. Isto evidencia que, apesar de utilizarem referências distintivas claras sobre o que acreditam pertencer ao universo simbólico rural ou urbano, eles mesmos entendem que o próprio modo de vida rural de que falam não é estático, bem como não o é o urbano. Então, para os brasileiros, o universo simbólico relativo à ruralidade participa do jogo identitário articulando identidades rural-urbanas e tradicional-modernas. O uso do hífen enfatiza o sentido de continuidade, uma vez que essas identidades não estão localizadas entre esses dois universos, nem estão misturadas ou *híbridas*. Estar entre pode significar que a identidade avança entre representações estáticas, bem como dizer que estão misturadas ou que são *híbridas* pode implicar que o processo acabou ou que estabeleceu-se um consenso, quando ao contrário entendemos que a formação de identidades constitui um processo contínuo.

Já para os paraguaios o universo simbólico relativo à ruralidade tem a ver com a manutenção das tradições guaranis de cultivo da terra e aciona a identidade nacional, uma vez que a vida no campo representa um espaço de luta contra os estrangeiros ali estabelecidos. A interferência estrangeira mais recente no meio rural paraguaio é exercida por brasileiros. E é por isso que eles podem ser representados pelos paraguaios como “imperialistas”, aqueles contra quem é preciso proteger-se para não subsumir, o que

determina o acionamento da identidade nacional. Nesse sentido, para os paraguaios a ruralidade constitui um universo simbólico que configura um afastamento em relação aos brasileiros, havendo a necessidade de se sublinhar os limites. Porém, também é possível perceber a identificação de paraguaios em relação aos brasileiros, uma vez que estes também podem representar para aqueles os “irmãos latinos” – nesse caso, é a solidariedade latina que alimenta o uso do termo. Revela-se aqui a ambivalência dos processos identitários, uma vez que ao mesmo tempo que os paraguaios se identificam com os brasileiros em termos de latinidade, eles estabelecem diferenças e distância simbólica em termos de nacionalidade, quando o que está em jogo é a questão da posse de terra.

Este contexto das relações que os entrevistados que vivem nas cidades fronteiriças estabelecem com a ruralidade medeia o modo como paraguaios e brasileiros se apropriam do discurso televisivo. Os brasileiros de nossa amostra mencionam as disputas em torno da posse da terra, mas não necessariamente em relação aos paraguaios – já estes têm bem claro o conflito com seus “irmãos latinos”. Os brasileiros não utilizam essa representação televisiva porque não se sentem ameaçados pelos paraguaios; suas preocupações giram em torno de outros aspectos como a mecanização da produção agrícola e as relações entre o rural e o urbano. Já os paraguaios apropriam-se da representação televisiva em torno da questão das disputas de terras para posicionarem-se em relação ao ponto de vista brasileiro. Eles utilizam o discurso televisivo porque se sentem ameaçados pelos brasileiros dentro de seu próprio território e, dessa forma, a televisão acaba participando do jogo entre as identidades culturais naquele contexto.

REFERÊNCIAS

CÂNDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

COLLIER JR., J. 1973. *Antropologia Visual: a fotografia como técnica de pesquisa antropológica*. São Paulo, EDUSP, 153 p.

GEERTZ, C. 1978. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Zahar, 323 p.

HAGUETE, T.M.F. 1992. *Metodologias qualitativas na Sociologia*. Petrópolis, Vozes, 224 p.

HALL, S. 1999. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A, 102 p.

INSTITUTO DEL TERCER MUNDO. **Enciclopédia do Mundo Contemporâneo**. São Paulo: Terceiro Milênio e PubliFolha, 1999.

LAINO, D. **Paraguai: fronteiras e penetração brasileira**. São Paulo: Global, 1979.

LOPES, M.I.V. 2002. *Pesquisa em Comunicação*. São Paulo, Loyola, 171 p.

MARTÍN-BARBERO, J. 2001. Dos Meios às Mediações. Comunicação, Cultura e Hegemonia. Rio de Janeiro, UFRJ, 361 p.

REDFIELD, R. **Civilização E Cultura de Folk**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1949.

THIOLLENT, M. 1980. Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária. São Paulo, Pólis, 270 p.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

YIN, R.K. 2010. Estudo de Caso – Planejamento e Métodos. Porto Alegre, Bookman, 212 p.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 33, 34, 36, 37, 38, 42, 43, 44
Análise da Teoria Quântica 103
APENOPE 62, 63, 64, 66, 67, 71, 72
Associação Cruzeiro Jaguareense 47, 48, 51, 59

B

Benedeiras 74, 75, 76, 78, 79

C

Chapecó/SC 74, 75
Conflitos agrários 92
Curandeiras 74, 75, 76, 78, 79

D

Desapropriação de Terras 92, 96, 99

E

Experiências 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 10, 11, 14, 15, 32, 35, 62, 65, 67, 70, 72, 80, 82, 83, 84, 88, 102, 140, 142, 145, 158, 159, 169
Experimento das Duas Fendas 103, 104, 105, 106, 108, 109, 111, 114, 115, 116

F

Fontes orais 74, 75, 76, 77, 79
Formação de Professores 1, 2, 3, 4, 5, 7, 11, 16
Formações discursivas 80, 86

G

Goiás 4, 5, 6, 7, 1, 7, 33, 39, 63, 92, 93, 94, 96, 100, 101, 102, 157, 159, 196
Golpe 17, 63, 176

H

História 2, 11, 16, 25, 30, 35, 47, 48, 53, 59, 60, 61, 67, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 99, 101, 102, 107, 112, 113, 123, 124, 129, 131, 134, 139, 140, 142, 143, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 159, 161, 163, 164, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 180, 181, 183, 185, 189, 190, 192, 193, 196

História da Educação 73, 80, 82, 83, 84, 90, 91

História do Processo de Escolarização 80, 81, 84, 85, 88, 89

I

Interação 1, 3, 7, 10, 33, 34, 41, 43, 44, 53, 109, 111, 114, 115, 133, 192

J

Jaguarão 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61

L

Libras 33, 34, 37, 43, 44, 124

Lógica 23, 24, 27, 29, 87, 95, 103, 105, 107, 108, 110, 115, 116, 144, 162, 167, 168

Lutas 22, 36, 62, 65, 66, 67, 70, 72, 73, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 164, 165, 168, 169

M

Memória 47, 52, 59, 71, 73, 76, 91, 108, 121, 123, 125, 127, 130, 131, 151, 183, 184, 185, 189, 190, 194, 195

Mercado de trabalho 33, 34, 36, 37, 38, 41, 42, 44, 45, 147

P

Patrimônio cultural 47

Política de Saúde Mental 17, 18, 19, 20, 23, 26, 28, 29, 30

Problema da Medição 103, 105, 106, 108, 110, 114, 116

R

Racismo 17, 18, 19, 20, 21, 25, 26, 28, 29, 31, 143, 144, 147, 148, 150, 153, 155, 156

Residência pedagógica 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16

S

Sistemas de Informação Geográfica 74, 75, 77, 79

Surdez 33, 34, 37, 39, 41, 42, 43, 44, 45

T

Terras devolutas 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102



*Sentidos e Sujeitos:
Elementos que dão
Consistência à História*

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 





*Sentidos e Sujeitos:
Elementos que dão
Consistência à História*

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

